

O que se escreve e quem escreve

«O HÓSPEDE DE JOB»

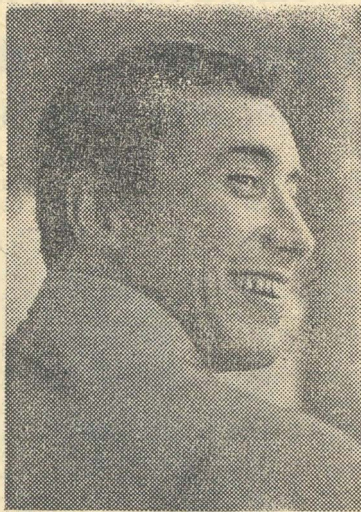
JOSÉ CARDOSO PIRES

Não sei por quê, os contistas quando o são, na verdade e enveredam por outro caminho literário, iniciando, por exemplo, a jornada do romancista, se, como Cardoso Pires, possuem o preciso talento para saberem desviar-se, vencendo perfeitamente as dificuldades que encontram, não deixam, contudo, pela maneira como conduzem as suas obras, de dar a entender a quem os leia, que a sua pena, se não esqueceu, por completo, do seu passado. «O Hóspede de Job» que é, sem favor, um excelente volume e dos melhores que dentro daquela modalidade literária, nos últimos tempos apareceram no mercado, confirma o que acima digo. Não é um defeito porque romancista e contista, na opinião de alguém que, nestas colunas, já tive ocasião de citar, vivem em planos tão parecidos que chegam a confundir-se porque, segundo essa opinião, o conto é o resumo do romance, enquanto o romance é o conto que o autor resolve alargar no desejo de pormenorizar os acontecimentos. Ora quem leia este romance de José Cardoso Pires — e merece ser lido com a melhor atenção, porque se trata de uma obra fora de série — pode, com facilidade verificar capítulos haver no livro que lembram o contista, o admirável contista que o autor tem sido.

Os episódios que nele se encontram são apresentados de tal maneira, interessando os leitores, que parece não existirem na continuidade do assunto que relata o romancista. São casos de tal modo vinculados que, se se lessem, isoladamente, marcariam por si só o valor de quem os escreveu. José Cardoso Pires que vem, há quase vinte anos, afirmando e confirmando as suas possibilidades literárias e impondo a sua personalidade, atingiu, neste momento, com esta obra agora publicada, o mais alto posto da sua carreira de escritor. Não é porque lhe foi concedido o apreciado prémio Camilo Castelo Branco, pois nem sempre a concessão de prémios desta natureza é garantia de uma verdade absoluta, que se chega a esta conclusão, mas porque em todo este livro a que nos estamos referindo, se encontra a certeza da existência de um escritor que, no campo do romance, prestou provas de tal modo convincentes, que não permitem levantar-se as mais pequenas dúvidas a esse respeito. Em tudo foi cuidadosa a pena de Cardoso Pires. Não surgem hesitações. Em cada figura aparecem, bem definidos, caracteres e sensibilidades, não soando a falso as suas atitu-

Por ALFREDO GUISTADO

des ou as suas intenções. Estão, inteiramente, de acordo com a acção que desenvolvem, com a maneira como actuam, com o seu procedimento. Desenhos nítidos, perfeitos, e tão perfeitos e nítidos que mais parecem copiados da realidade do que frutos da ficção, se bem que momentos há na vida em que a realidade e a ficção se confundem de forma tal que não é fácil diferenciá-las. Aquele João Portela e aquele velho Aníbal, são duas figuras, da



José Cardoos Pires

maior importância e relevo em todo o romance, sobretudo o primeiro. São duas figuras que pertencem à vida. Deviam existir, é mesmo muito natural que existam, porque nos dão a impressão de os ouvir falar, de os ver, de os acompanhar na sua caminhada e de adivinhar no que sucede no

seu mundo íntimo, quer quando nenhum defeito físico os atingiu, quer quando um deles teve a desgraça de ficar mutilado.

Trata-se de um romance que é cópia fiel de almas e de corpos e que se refere a acontecimentos que ocasionam preocupações, que se desenvolvem em cenários especiais mas verdadeiros, que se filtram nas multidões, que exercem influência nos que nestes acontecimentos se movimentam.

Um belo livro, enfim, apresentado pela Editora Arcádia com agradável aspecto gráfico.